



A Cultura Escolar e a Memória Docente na Escola: a Implementação da Educação Pública Municipal de Riachuelo-RN (1963).

RODRIGO WANTUIR ALVES DE ARAÚJO ¹

Este trabalho refere-se a uma pesquisa desenvolvida no município de Riachuelo-RN, a partir de sua emancipação política no ano de 1963, momento em que o poder público local torna-se responsável pela implementação da educação pública municipal. Trata-se de uma investigação sobre as primeiras salas de aula, da contratação das professoras locais, das suas práticas pedagógicas, das instruções e formação docente. Assim, elementos constitutivos desse trabalho estão intrinsecamente ligados à instituição escola. Nesse sentido, explora igualmente a configuração da cultura escolar no contexto histórico, político e social com perspectivas no âmbito local bem como o envolvendo o regional e global. Trabalhamos com a perspectiva das mais variadas fontes, como a ideia de registro, vestígio, a saber, cadernos das professoras, livros que lecionaram e/ou que estudaram, fotografias, tabuadas, apostilas, registros diversos do acervo de duas professoras desta época. Assim, relacionamos e tivemos a participação direta das professoras que serviram como referência: Maria da Natividade Martins Silva e Maria das Graças Alves de Melo, haja vista, a primeira professora ser regente em sala de aula, e a segunda também, mas desempenhou a função de formadora de professoras no curso “Logus” ministrado no próprio município de Riachuelo-RN e sua capacitação como professora-formadora. Nesse sentido, o objetivo foi à sistematização de todas essas informações para a compreensão da formação da educação pública municipal, dentro das suas perspectivas e meandros, bem como desnaturalizar tal processo de formação da educação local. Como orientação teórica e metodológica, trabalhamos com a concepção de História e Memória de Jacques Le Goff, o conceito de Cultura Escolar de Dominique Julia, por abranger um espaço maior dentro da cultura escola, o contexto e o ambiente escolar, José Carlos Mehy que trata da história oral, indispensável pelos procedimentos corretos e análise das entrevistas. A metodologia de trabalho foi utilizada a história oral como uma técnica de análise de discurso e de investigação da memória das professoras pesquisadas e leituras bibliográficas referentes à história da educação.

Palavras-chave: História da Educação; Escola; Professoras; Cultura Escolar; Riachuelo-RN.

Introdução

A pesquisa e a produção deste trabalho esta alicerçada no processo de formação das professoras do município de Riachuelo-RN, a partir da sua emancipação em 1963, com uma experiência de curso de formação para professores leigos implementados pelo Governo Federal, o projeto Logos II.

A partir da sua emancipação, o poder público municipal de Riachuelo-RN, agora, do novo município, precisava começar a realizar diversas ações e medidas administrativas, como

¹ Professor da rede pública do município de Riachuelo-RN e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN.

uma nova sede municipal. Em se tratando de educação, tivemos um processo de contratação de professoras para lecionarem na área urbana e rural do município. As professoras, em sua grande maioria, foram contratadas e como formação, possuíam o ensino primário incompleto, conhecido hoje como ensino fundamental I, e outras professoras, rara exceção tinha até a 5ª série, havendo passado no processo de admissão. Mesmo assim, começaram o processo de educação com a escolarização que detinham na época iniciando o processo de escolarização no município de Riachuelo trabalhando em galpões, sedes improvisadas e até mesmo em suas casas.

À medida que trabalhavam como professoras começaram a buscar formação para atuarem como docentes. Inicialmente participando do Projeto Saci, um curso de formação para professores leigos que concedia a conclusão da 4ª série do antigo primário, depois, estudando todo o ginásial (atual ensino fundamental II) em municípios próximos ou mais distantes, ou não, e participando do curso Logos II curso de formação para capacitar professores leigos a lecionarem de 1ª a 4ª série.

As professoras se capacitaram e estudaram o Logos II um curso criado pelo Governo Federal para capacitar professores. Esse curso era composto por reuniões e aulas, realizando atividades e preenchendo gabaritos. Recebiam fascículos com conteúdo didático, questões de múltipla escolha com questões de português, matemática e estudos sociais. Além delas, outras professoras também fizeram parte desse programa de educação. Tiveram também acesso anteriormente ao projeto SACI em que tinha aulas pela televisão e concluíram o curso primário por meio desse projeto. (ARAÚJO, 2011: 03)

O processo de formação inicial e continuada tão propagado na atualidade acontecia em meados da década de 1970, pois as professoras eram também cursistas. Ao mesmo tempo, professoras em formação, estavam em constante processo de profissionalização, seja no tocante a se qualificar, seja no tocante ao processo de alfabetização e supletivos que elas faziam chegar até a população mediante os convênios e programas que o poder público adotava para o município.

Tivemos como depoimentos duas entrevistas com professoras que estavam envolvidas na formação e coordenação local do projeto Logos II. Neste artigo trataremos dessa pesquisa,

em fase inicial, analisando e discutindo os elementos encontrados no projeto do Curso Logos II no município de Riachuelo-RN.

O Projeto Logos II e o Município de Riachuelo-RN

Criado pelo Ministério da Educação para colaboração para formação de professores que atuavam na docência no ensino básico mediante a necessidade de formação docente, pois havia um grande déficit de profissionais da educação, sendo necessário criar um programa de capacitação dos professores, mas que ao mesmo tempo não fosse necessário afasta-los de sala de aula.

Dados estatísticos da SEEC/MEC (MEC, 1978) sobre o ensino de 1º grau em 1975, mostram que no Brasil num total de 287.942 professores de 1ª a 4ª série, 166.693 ou 58% são leigos, isto é, não completaram a habilitação magistério, embora possam ter o 2º grau completo em outra habilitação. Dentre esses professores leigos, 98.758 (59%) possuem o 1º grau incompleto. Uma série de propostas e programas têm sido apresentados e utilizados para qualificar esses professores leigos. Entre esses se destacava o Projeto Logos II, cujo objetivo geral é a habilitação de professores não titulados, mas em exercício nas 4 primeiras séries do 1º grau, mediante o ensino a distância (DSU/MEC, 1975) (ANDRÉ; CANDAU, 1984, p: 23)

Conforme vemos, a situação no país nesse momento é muito crítica e carecia de ações emergências a respeito da formação docente. Os números e os dados acima dão essa dimensão e o Governo Federal através do MEC desenvolveu esse curso para atender essas demandas, principalmente nos Estados que mais necessitavam dessa formação. Outro dado interessante é a utilização da educação a distância como uma ferramenta para atender aos docentes, pois os professores estudavam por módulos, respondendo aos fascículos e preenchendo avaliações, fazendo encontros periódicos. É importante frisar também que este curso era feito com os professores em pleno exercício do Magistério. André e Candau ainda descrevem o projeto e seu objetivo principal, destacando o material de estudo.

O Logos II pretende, via ensino supletivo, mediante o uso de módulos instrucionais e com avaliação, no processo, habilitar professores a nível de 2º grau, para lecionar, nas 4 primeiras séries do 1º grau, nos Estados do Piauí, Paraná, Paraíba, Rio Grande do Norte e Rondônia (DSU/MEC, 1975). Os módulos são organizados em séries correspondentes as disciplinas, num total de 204 módulos, que devem ser

completados num prazo de 28-30 meses (em média 7 módulos por mês). Cada módulo consiste num fascículo de 20-40 páginas abrangendo disciplinas de educação geral como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas ou de formação especial como Sociologia Educacional, Didática Geral, História da Educação, entre outras. (Ibid, 1984:23)

Esta foi uma política governamental muito importante no processo de formação de professores, demonstrando que há processos de formação ofertados pelo Governo Federal desde a década de 1970 e que tal curso foi de extrema importância para formação dos professores leigos. O curso era de fato preparatório para a docência e compunha de seu currículo e carga horária voltada para a educação.

Dentro dessa perspectiva, uma geração de professoras foi formada e tivemos um requisito básico para atuação docente que era o curso de formação para o exercício do Magistério. Os estudos, a apropriação dos conhecimentos e a constante elaboração de programas, currículos escolares e compreensão e formação de uma rede municipal possibilitou pela primeira vez uma cultura escolar baseada na aprendizagem das professoras e na sua prática a partir de seus estudos no Logos II. Ao afirmar a formação da cultura escolar, precisamos entender que

A cultura escolar é um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão de conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo do profissional dos agentes que são chamados a obedecer essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001: 10-11)

As professoras do município relatam que começaram a realizar planejamentos, estudos e aulas diferenciadas mediante a formação que tinha no Logos II. Não pouco o depoimento de professoras que se sentiam mais seguras, mais aptas para o ensino e sendo assim construtoras de uma rede escolar capacitada e responsável pela construção de novos conhecimentos.

O que eu recordo é que o Logos veio para desenvolver o professor e eu acho que ele naquela época, eu acredito que ele desenvolveu muito. Orientou muito o professor.

Naquela época a gente tinha o Logos como uma coisa... Uma faculdade, ninguém imaginava fazer nunca uma faculdade. Eu nunca me imaginei fazer uma faculdade ou fazer uma faculdade, na verdade. Mas, o Logos permitiu tudo isso, muito conhecimento, é... Desenvolvimento em sala de aula, como trabalhar com o aluno, como trabalhar com o professor, como ver até o pessoal de apoio, não é? Tudo isso o Logos permitiu. (MELO, 2017: 05)

Em seu depoimento, a professora Maria das Graças Alves de Melo discute a importância desta formação declarando sua aprendizagem e afirmando a mudança na sua práxis pedagógica. Esse depoimento também trouxe a tona uma perspectiva saudosista e que traz o elemento da memória como fundamental em todo o processo na busca por informações sobre o projeto Logos II. A esse respeito devemos saber que

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2013: 387)

A memória é um aspecto que está aparecendo em todo o trabalho, quer seja como saudosismo do espaço escolar ou na lembrança dos estudos das professoras. Nos depoimentos colhidos as memórias destacadas são sempre positivas e de valorização do ensino e do estudo da época.

De acordo com as informações obtidas por meio de relatos das professoras, o Projeto Logos II iniciou em Riachuelo/RN ainda no ano de 1976 formando a sua primeira turma, das três turmas que iriam ser formadas até meados da década de 1980. A esse respeito uma professora relata:

O Projeto chegou através de Maria do Carmo. Maria do Carmo vendo a necessidade de nós sendo professores, praticamente todos nós leigos, ninguém tinha o ensino médio, o magistério, que naquela época chamava Magistério. Ninguém tinha. Então, Maria do Carmo disse: Se Riachuelo formar uma turma... E foi o que aconteceu. Entre outros, eu, Neide, Neuza, Native, uma turma grande, a gente começamos fazer Logos II. Como cursista. Naquela época chamava cursista do Logos II. (MELO, 2017: 02)

Segundo a professora Melo, D. Maria do Carmo ² foi responsável pela vinda do curso Logos II para o município de Riachuelo. Contudo, informações de outra professora complementam que o curso aconteceu inicialmente em Natal-RN e alguns encontros aconteceram em Riachuelo e que as demais turmas no município ocorreram nele própria. “Bom, aqui em Riachuelo, era somente uma vez por mês. Mas, que a gente se deslocava para Natal todos os dias. (MARTINS, 2017, p.02)”. Dessa forma, o curso conforme discutíamos anteriormente não retirou o professor em sala de aula, fazendo com sua capacitação acontecesse concomitante ao seu exercício do Magistério.

IMAGEM 01: DIPLOMA DO LOGOS II



Fonte: Acervo pessoal da professora aposentada Maria da Natividade Martins Silva

IMAGEM 02: VERSO DO DIPLOMA

HISTÓRICO ESCOLAR	MENTÃO	REGISTROS E OBSERVAÇÕES
DISCIPLINAS DE EDUCAÇÃO GERAL		ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA COORDENADORIA DE APOIO AO ENSINO SUBCOORDENADORIA DE INSPEÇÃO ESCOLAR
LÍNGUA PORTUGUESA E LIT. BRASILEIRA	87,62	Comprovamos a validade deste documento Natal, 25/11/1980
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	88,43	Assessoria de Planejamento de Santa Helena F. (funcionário responsável)
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	89,24	VISTO: Maria do Carmo D. Melo Responsável pelo Órgão Expedidor
EDUCAÇÃO FÍSICA	90,33	
HISTÓRIA	90,42	
GEOGRAFIA	88,14	
CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS	89,25	
PROGRAMAS DE SAÚDE	88,80	
DISCIPLINAS INSTRUMENTAIS		
INFORMAÇÕES PEDAGÓGICAS	90,00	
TÉCNICAS DE ESTUDO	88,50	
ORG. DO TRABALHO INTELLECTUAL	88,00	
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPEC.		
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	87,62	

² Maria do Carmo Gomes Cavalcanti Teixeira, conhecida como Maria do Carmo (1937-2007) foi professora, diretora da Escola Estadual Manoel Severiano por mais de uma década, ocupou cargos com status de Secretária Municipal de Educação e foi responsável por trazer diversos cursos de formação para o município de Riachuelo-RN.

Fonte: Acervo pessoal da professora aposentada Maria da Natividade Martins Silva

As disciplinas eram divididas em dois blocos: Disciplinas de Educação Geral e Disciplinas de Formação Específica. Segundo o próprio relato das professoras considerava o Logos II um curso difícil, mas que era muito bom. Destacam que aprenderam muito e que o curso proporcionou diversas aprendizagens e habilidades, sobretudo trazendo maior segurança durante suas aulas. Isso significa que com o curso em andamento e concluído possibilitou que as professoras tivessem maior autonomia e mais confiança em sua práxis docente. Em relação a isso, a professora relata que se sentia...

Mais segura, porque na verdade, eu era professora, porque na verdade eu sabia expor a aula, sabia e sei, eu era muito tímida, muito, muito, muito, muito tímida, mas o Logos fez com que a gente ficasse mais desenvolvida. É... O Logos ajudou muito em si, porque ele faz com que a gente ao dar aquela aula você tem que mostrar todos os passos que um professor pode dar dentro de uma sala de aula. Não é só um professor ficar parado. [...] Pelo que eu fui ensinada pelo Logos II. Professor tem que tá desenvolvendo dentro da sala de aula, circulando, perguntando, orientando. O Logos permitiu tudo isso. (MELO, 2017:03)

De acordo com esse depoimento, a professora afirma que o curso proporcionou que em sua práxis ela se tornasse mais dinâmica e lendo essa informação temos a constatação que de fato isso acontecia mediante uma prática de microensino que ocorria durante o curso. E esses elementos estão todos inseridos nesse depoimento. Era preciso além dos módulos complementar seus estudos com os estágios, como se tornou uma tarefa inviável, o microensino ganhou um papel central nesse processo do curso Logos II.

*Concomitantemente com as tarefas normais de estudo dos módulos, das orientações e das avaliações, como já apontamos anteriormente, o Projeto-piloto previa que o cursista teria que cumprir 2.000 horas de estágio supervisionado. Porém, essa forma de avaliar a prática do professor-cursista foi considerada pelo MEC e o CETEB, como inviável ponto de vista prático - tempo e distância - e pela falta de recursos financeiros (CETEB, 1984). Um supervisor docente teria que atender 300 salas de aula, o que daria menos de uma visita por ano e que a maioria das escolas ficava em regiões de difícil acesso, realmente essa atividade seria impraticável sem a contratação de novos supervisores, o que, pela posição do MEC, não era possível. Assim, foi a extinta a função do supervisor docente e a supervisão em sala de aula foi substituída pelos estágios não supervisionados, tendo como aliados o microensino e os encontros pedagógicos. A partir de então, para efeitos de estágio, era considerado o somatório da carga horária dos encontros pedagógicos e as sessões de **microensino** (500h), mais a prática do cursista em sala de aula (1.120h), pois esse local continuava sendo “laboratório” de observação e aplicação de aprendizagem, porém sem a supervisão direta. Grifo nosso (GOUVEIA, 2016: 126).*

O microensino era uma técnica de aula em que o professor-cursista tinha que elaborar uma aula com vistas do seu coordenador para que ele ministrasse aquela aula para outros professores-cursistas. Ele era avaliado e tinha uma média a atingir. A média era 7,0 e em caso de não conseguir o êxito, deveria planejar novamente sua aula e ministra-la.

As sessões de microensino envolvem grupos de 5 a 12 cursistas para o treinamento de cinco habilidades: “fazer perguntas”, “dar exemplos”, “aumentar a participação”, “variar a situação-estímulo” e “reforçar a aprendizagem”. Nessas sessões cada cursista observa as microaulas dos colegas, bem como apresenta sua microaula que, por sua vez, é observada e avaliada pelo grupo. Quando o cursista não alcança o critério mínimo de desempenho, a habilidade é replanejada e apresentada novamente como reensino. (ANDRÉ;CANDAUI, 1984: 23)

Observe abaixo uma das fichas de autoavaliação da professora-cursista durante a ministração de sua microaula.

IMAGEM 03: Ficha de autoavaliação do microensino.

PROJETOS LOGOS II
AUTO-AVALIAÇÃO DE MICROENSINO

RN 1 002 0005 0062

Maria da Natividade Martins Silva

ITENS A SEREM OBSERVADOS	HABILIDADE 1 USAR A HABILIDADE DE FORMAÇÃO		HABILIDADE 2 HABILIDADE DE FORMAÇÃO		HABILIDADE 3 HABILIDADE DE FORMAÇÃO		HABILIDADE 4 HABILIDADE DE FORMAÇÃO		HABILIDADE 5 HABILIDADE DE FORMAÇÃO	
	SEM	COM	SEM	COM	SEM	COM	SEM	COM	SEM	COM
1. EMPREGOU EM SUA SALA DE AULA A HABILIDADE TRABALHA NA BUSCA DE EXPERIÊNCIAS?	X		X		X		X		X	
2. SENTIU DIFICULDADE EM EMPREGAR?		X		X		X		X		X
3. O USO DA HABILIDADE PROPORCIONOU A APRENDIZAGEM DOS SEUS ALUNOS?	X		X		X		X		X	
4. SEUS ALUNOS PRESTARAM MAIS ATENÇÃO A AULA ENQUANTO VOCÊ UTILIZOU A HABILIDADE?	X		X		X		X		X	
5. APÓS A AULA, OS ALUNOS CONVERSARAM SOBRE O ASSUNTO?	X		X		X		X		X	
6. A HABILIDADE EMPREGADA PROPORCIONOU UMA MAIOR ATENÇÃO AO ALUNO PROFESSOR?	X		X		X		X		X	
7. ESTA HABILIDADE FACILITOU UM MAIS RÁPIDO ATENDIMENTO DOS ALUNOS?	X		X		X		X		X	
8. COM ESTA HABILIDADE, OS SEUS ALUNOS PODEAM FAZER MAIS PERGUNTAS EM AULA?	X		X		X		X		X	
9. A HABILIDADE SERÁ ÚTIL PARA ORIENTAR AS ATIVIDADES DOS ALUNOS?	X		X		X		X		X	
10. SENTIU-SE MAIS SEGURA COMO PROFESSOR AO EMPREGAR A HABILIDADE?	X		X		X		X		X	

EM QUAL HABILIDADE VOCÊ SE CONSIDERA MAIS TRENADO?
— NA HABILIDADE DE *Reforçar*

ESCREVA NESTE ESPAÇO OS PONTOS IMPORTANTES QUE VOCÊ OBSERVOU EM SUA SALA DE AULA QUANDO DEU USO ÀS SUAS HABILIDADES

O que observei nesta habilidade foi que os alunos se interessaram mais pelas aulas e os alunos passaram a me fazer perguntas. Estou me sentindo muito mais segura em utilizá-la.

Maria da Natividade Martins Silva 30/06/19

Fonte: Acervo pessoal da professora aposentada Maria da Natividade Martins Silva

Cada cursista recebia essa ficha e fazia sua avaliação e a dos colegas também. Ainda sobre o microensino, obtivemos a seguinte informação.

Cada professor escolhia a disciplina que gostaria de preparar a sua aula. Elas faziam lá o plano de aula e trazia para a coordenadora corrigir ou aumenta alguma coisa, diminuir. Então o coordenador ele corrigia aquela aula que ia ser ministrada pelo professor. E ao término do Logos, eles estavam preparados para ser professor. (MELO, 2017)

Assim, o curso Logos II foi um curso muito importante para a formação dos professores e que colaborou com a formação e também com a práxis docente, sendo um marco na história de vida das professoras, além de ser um importante referencial na história da educação do município de Riachuelo-RN.

O projeto Logos II foi muito bem aceito pela comunidade docente, pois os relatos das professoras são que a partir desse curso tiveram mais segurança para exercer a docência e nesse sentido cabe à reflexão de que o Governo Federal dentro de suas limitações e mediante grave quadro educacional obteve êxito, conseguindo habilitar as professoras com um curso chancelado para o exercício da docência.

Finalizando ressaltamos que uma das grandes contribuições fora para as professoras do interior do Rio Grande do Norte, em sua maioria mulheres, recém casadas, não podiam dar segmentos aos estudos, pois não havia em suas cidades de origem a continuidade dos estudos fazendo com que quem tivesse interesse viajasse e fosse morar fora da sua cidade. Nesse contexto se insere o município de Riachuelo-RN que vivia situação semelhante. Foram poucas as professoras que puderam sair para estudar fora e o Projeto Saci e o Projeto Logos II vieram somar e atender a uma tão grande necessidade que é a formação do professor. Nesse caso, o professor formador como professor-aluno, aprendendo, ensinando e se profissionalizando.

Referencias

ANDRE, M. E. D. A; CANDAU, V. M. **O projeto Logos II e sua atuação junto aos professores leigos do Piauí: um estudo avaliativo.** Apresentado ao II Seminário Regional da Pesquisa em Educação. Belo Horizonte, 1983.

ARAUJO, Rodrigo Wantuir Alves de. **A implementação do Projeto Saci e a experiência educacional no município de Riachuelo/RN.** In: Anais do X EMHE. ISSN: 2236-3971. São Luís: EDUFMA, 2017.

GOUVEIA. Cristiane Talita Gromann de. **O projeto Logos II em Rondônia: a implantação do projeto-piloto e as mudanças em sua organização político-pedagógica.** 2016. 157 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro)

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de Educação.** N. 1 jan./ jun 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273>> Acesso em: 20 ago. 2015.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão. 7 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2002.



_____; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

Áudio

MARTINS, Maria da Natividade Silva. Projeto Logos II: depoimento. Riachuelo. [25 junho, 2017]. Entrevista concedida a Rodrigo Wantuir Alves de Araújo.

MELO, Maria das Graças Alves de. Projeto Logos II: depoimento. Riachuelo [25 junho, 2017]. Entrevista concedida a Rodrigo Wantuir Alves de Araújo.